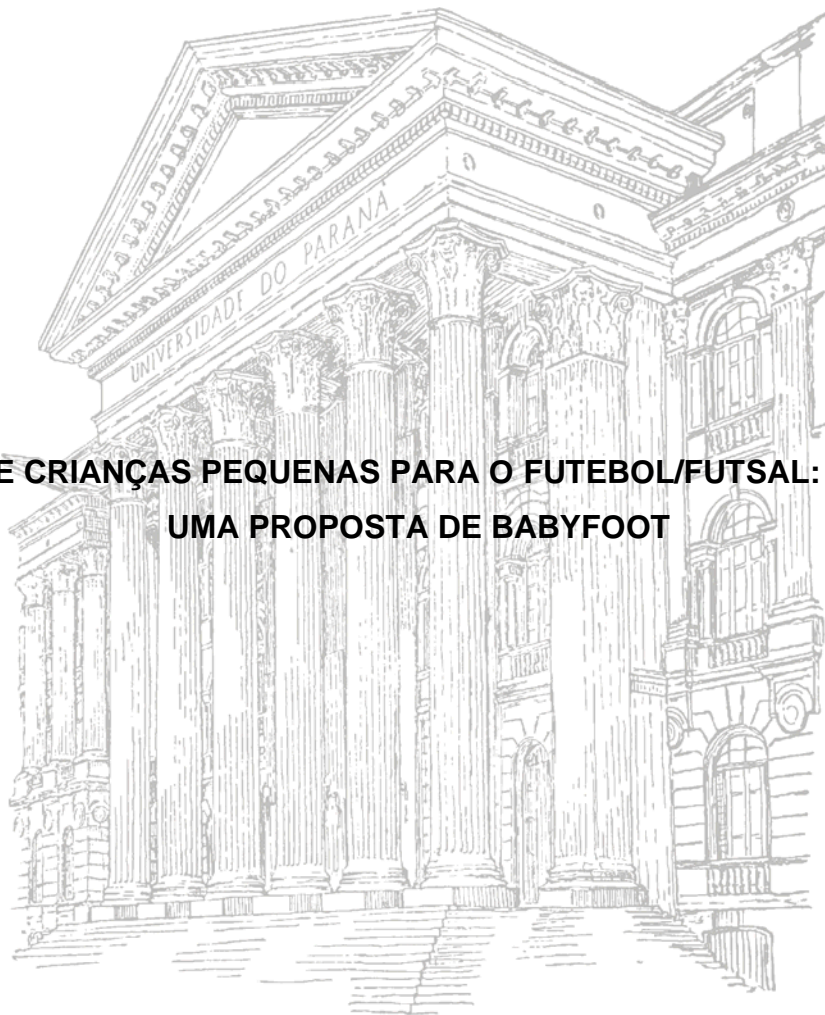


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**GUILHERME TAMASHIRO**

**O OLHAR DE CRIANÇAS PEQUENAS PARA O FUTEBOL/FUTSAL: ANÁLISE DE  
UMA PROPOSTA DE BABYFOOT**



**CURITIBA**

**2019**

**GUILHERME TAMASHIRO**

**O OLHAR DE CRIANÇAS PEQUENAS PARA O FUTEBOL/FUTSAL: ANÁLISE DE  
UMA PROPOSTA DE BABYFOOT**

Monografia apresentada como requisito parcial para  
conclusão do Curso de Licenciatura em Educação  
Física, Departamento de Educação Física, Setor de  
Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marynelma Camargo Garanhani

**CURITIBA**

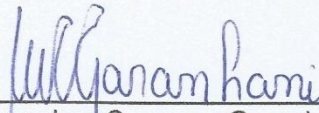
**2019**

## TERMO DE APROVAÇÃO

GUILHERME TAMASHIRO

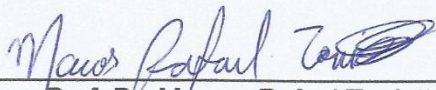
### O OLHAR DE CRIANÇAS PEQUENAS PARA O FUTEBOL/FUTSAL: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE BABYFOOT

Monografia aprovada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



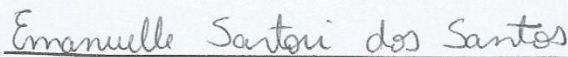
---

Profa. Dra. Marynelma Camargo Garanhani  
Orientadora – Departamento de Educação Física – UFPR



---

Prof. Dr. Marcos Rafael Tonietto  
Departamento de Educação Física – UFPR



---

Profa. Emanuelle Sartori dos Santos  
Departamento de Educação Física – UFPR

Curitiba, 4 de dezembro de 2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, Adriana e Luiz, por serem minhas inspirações de vida, encorajadores dos meus sonhos e que me presentearam com os meus maiores parceiros: Pedro e Luiza, meus irmãos.

Agradeço aos amigos da turma T e X pela parceria ao longo desses quatro anos. Em especial aos companheiros de equipe do Baile, da UFPR Futsal e do Chuta, que contribuíram para que essa jornada acadêmica fosse mais leve, cheia de história e por me oportunizar a dar continuidade no futebol.

Gratidão à professora Marynelma Garanhani, por ser uma orientadora inspiradora, paciente, presente e cuidadosa.

Às pessoas envolvidas na Escola de Futebol do São Paulo F.C. por não medirem esforços para que essa pesquisa fosse realizada, em especial aos meus alunos da turma do sub-5 babyfoot e às famílias pela confiança nesse percurso. Muito obrigado!

Por fim, agradeço a Educação Pública, de quem sou filho, integralmente.

*“Há um menino  
Há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão  
E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade, alegria e amor”*

Milton Nascimento

## RESUMO

A presente pesquisa apresenta a compreensão e os sentidos que as crianças dão ao futsal ao vivenciarem uma proposta de babyfoot a partir. As mesmas entendem que futsal e futebol são sinônimos, por isso, foram adotados os seguintes pressupostos teóricos para o esporte na educação da criança pequena: Freire (2003) e Santana (2004). O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a roda de conversa e a fonte de investigação foram a fala das próprias crianças, sendo fundamentada a partir de Garanhani; Martins e Alessi (2015) e Rodrigues, Borges e Silva (2014). As três rodas de conversa foram gravadas em vídeo. A análise dos dados foi organizada em três eixos de análise: a compreensão do futsal, o gesto como suporte da fala e o sentido do futsal. As crianças, nesse contexto, compreendem o futsal a partir de seus fundamentos e do jogar bola. Os gestos, presentes em todas as etapas do estudo, contribuem para que elas expliquem as ações presentes no jogo. Por fim, vivenciar uma proposta de futsal exclusiva para a criança pequena tem um sentido de jogar e brincar.

**Palavras-chave:** Futsal. Babyfoot. Criança.

## LISTA DE IMAGENS

1. IMAGEM 1: “Como a gente mira?” (LEZAN, 2019).....p.22

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE ESTUDOS .....</b>	<b>8</b>
2.1	A ORGANIZAÇÃO DO FUTSAL NAS ESCOLAS DE FUTEBOL .....	8
2.2	O FUTSAL NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA.....	10
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>14</b>
3.1	PESQUISA COM CRIANÇAS.....	14
3.2	ETAPAS DA PESQUISA.....	15
3.3	SUJEITOS E INSTRUMENTOS.....	17
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>20</b>
4.1	A COMPREENSÃO DO FUTSAL.....	20
4.2	O GESTO COMO SUPORTE DA FALA.....	21
4.3	O SENTIDO DO FUTSAL.....	23
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em futebol, não nos remetemos apenas a uma prática esportiva permeada de regras, instituições controladoras e as competições, se remete também, a uma manifestação cultural conhecida no mundo todo, sendo um dos esportes mais conhecidos, assistido e praticado nos quatro cantos do mundo. Segundo Pires (1998), o futebol além de uma prática de sociabilidade, também transpõe as quatro linhas e emerge para questões financeiras, midiáticas e políticas. Conforme Melo (1999), seu jogo vai dos segmentos mais abastados e informais, praticado com chinelos nas ruas até aos megaeventos permeados de alto rendimento, espetáculo e de fortunas em jogo.

Tendo isso em vista, as escolas de futebol são muito procuradas e Fensterseifer (1993) contribui ao falar do surgimento das escolinhas. Segundo o autor, as razões de seu surgimento é o desaparecimento dos campinhos de futebol de rua para as crianças, a explosão imobiliária e o aumento da violência e da criminalidade nas cidades. Nesse sentido, o interesse pelas escolas de futebol, conforme Rezer e Saad (2005) é uma paixão nacional e também uma tendência à especialização e instrumentalização presentes no mundo moderno.

A criança pequena é inserida nas escolas de futebol com pouca idade e algumas escolinhas, mesmo utilizando o nome generalizado de escola de futebol, fornecem aulas de futsal que para Rezer e Saad (2005) é um esporte semelhante, originado do próprio futebol. Tem uma crescente popularização e tem como umas de suas possibilidades a facilidade de prática quanto a espaço e materiais. Nessas escolas de futebol, as crianças são divididas em categorias pelo mesmo ano de nascimento ou próximo. A proposta de babyfoot, nesse contexto, é uma categoria para a criança pequena respeitando a pouca idade, na inserção ao futsal.

Compreende-se a criança pequena, nesse estudo, um segmento etário de 0 a 5 anos da infância. Segundo Fröebel (1782-1852, citado por Maia 2012) a infância é uma fase de importância decisiva na formação das pessoas. Para Kuhlmann (1998, p. 31), “é preciso considerar a infância como uma condição da criança”. Sob esse mote, entende-se que, para além de respeitar a criança e a sua infância, devemos ter um olhar mais sensível para essa criança que está inserida em espaços de aprendizagem em que ela se movimenta e o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem infantil (GARANHANI; NALDONY, 2011). Por isso, a criança necessita agir, se movimentar para conhecer e compreender os significados presentes no seu meio (GARANHANI, 2006).

A partir dessas considerações podemos trazer a seguinte pergunta: o que as

crianças pequenas falam sobre o futsal ao vivenciarem uma proposta de babyfoot?

Neste cenário de indagações, o objetivo dessa pesquisa é verificar como a criança pequena se apropria dos saberes do futsal, vivenciando as técnicas, os fundamentos, as regras e o jogo com uma proposta de babyfoot, a qual se remete a uma categoria diferenciada e exclusiva para as crianças com até cinco anos de idade. A fonte de investigação foram as próprias crianças e a partir das suas falas por meio da roda de conversa, desenvolvi o estudo para responder a questão de pesquisa.

Muitas escolinhas são conveniadas a clubes de futebol profissional e, nesse estudo, investiguei a prática em uma dessas escolas conveniadas, com sede única na cidade de Curitiba – PR, que apresenta uma proposta comum em todas as sedes: o babyfoot. Proposta de futsal para a criança pequena a partir dos três anos de idade.

Esse estudo tem como justificativa uma busca de como conduzir aulas de futsal para que as crianças aprendam de forma prazerosa essa prática, inquietação esta que emerge para um campo pouco estudado, referenciado e ainda pobre de subsídios para a iniciação esportiva nessa idade, sobretudo quando a pesquisa é de cunho participativa. É possível que a partir desse estudo outras pesquisas sejam feitas olhando para o futebol, o futsal e a iniciação esportiva na educação da criança pequena.

## 2. REVISÃO DE ESTUDOS

O objetivo desse capítulo é trazer estudos que abordem os motivos pelos quais o futsal está inserido nas escolas de futebol e como funciona a sua organização nesses espaços de aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário analisar a literatura disponível que compreende o futsal na educação da criança pequena. Por isso, ele se organiza em dois temas: a organização do futsal nas escolas de futebol e o futsal na educação da criança pequena.

### 2.1 A organização do futsal nas escolas de futebol

Este tópico tem como objetivo compreender os processos que organizam e estruturam o futsal dentro das escolas de futebol. Para isso, será utilizada a literatura disponível para iniciar a revisão de estudos dessa pesquisa. Mas, antes disso, é pertinente fazer um breve histórico do surgimento do futsal e o seu desenvolvimento de modo geral e nas escolinhas. Também, analisar seu contexto atual antes de compreender o porquê se aprende, em algumas escolinhas, as regras do futsal utilizando seus materiais e espaços em escolas que se apresentam como escola de futebol, mesmo não sendo o futebol, o esporte propriamente dito, mas o futsal como esporte mediador para as crianças pequenas neste caso.

De acordo com Saad (1997), o futsal tem duas versões de surgimento, já que há uma reivindicação por parte do Brasil e do Uruguai quanto a criação dessa modalidade

Alguns acreditam que esta modalidade começou a ser praticada por volta de 1940 na Associação Cristã de Moços em São Paulo. A outra versão garante que o Futebol de Salão foi primeiro praticado pela Associação Cristã de Moços no Uruguai, conhecido na época por "Indoor-foot-ball". Apesar do desencontro sobre a verdadeira origem do futsal, este esporte desenvolveu sua trajetória constituindo regras e oficializando instituições para a legalização de sua prática em esfera global. (ZARATIM, 2012, p. 2).

Para Freire (2003), as escolas de futebol são um fenômeno urbano, nascidas por conta da eliminação dos espaços de brincadeira entendida como a rua. Isso faz com que as crianças cheguem aos espaços formativos para o futebol sem experiências adequadas para que desenvolvam suas habilidades esportivas. E, para Santana (2004), as crianças – excetuando as de periferia - deixaram de jogar bola na rua, nos campinhos e nas praças. Isso contribuiu para o surgimento das escolinhas de futsal.

Com base nestas considerações, Rezer e Saad (2005) fazem uma reflexão quanto ao futsal como um esporte emergente, já que se assemelha às técnicas, regras, objetivos, fundamentos e entre outros aspectos e possuem grandes espectadores e praticantes.

Ambos os autores também o consideram emergente pelo fato de ser uma manifestação e um fenômeno cultural. Dessa forma, muitos fatores que fogem das perspectivas técnicas e motoras do futsal podem indiciar a sua presença nas escolas de futebol.

[...] originado do próprio futebol; processo de profissionalização na modernidade; crescente popularização; facilidade de prática quanto a espaço e a materiais; magia e encanto que permeiam a sua prática; ginásios lotados em competições dos diversos níveis; grande número de praticantes. (REZER E SAAD, 2005, p. 51).

Para Freire (2003, p.2), *“as escolinhas de futebol foram criadas somente quando as pessoas dos grandes centros urbanos, constatando a escassez de espaços para jogar bola, perceberam que podiam reinventá-los.”*

As escolinhas desportivas se tornaram um modismo nos últimos anos. Entende-se essa proliferação seja em função da carência de espaços livres, que proporcionam às crianças momentos de alegria e descontração, assim como também o aumento desenfreado da população, o que favoreceu a procura das crianças por escolinhas de futsal. (MELO & MELO, 2006, p. 32)

Vemos, também, que a escolha e a opção de colocar a criança em uma escola de futebol, sobretudo no futsal, parte das crianças ou das famílias. Nesse sentido,

normalmente, espera-se que o pai, quando opta por colocar seu filho em uma escola ou escolinha de futsal, tenha em mente algum objetivo, que poderá ser voltado ao lazer, à recreação, a aspectos ligados à saúde, ao entretenimento, à socialização etc., mas, na maioria dos casos, a intenção é que o filho torna-se um jogador, um futuro craque. É exatamente por terem este projeto para seus filhos que alguns pais adotam os comportamentos mais inadequados, os quais presenciei em muitas oportunidades (TENROLLER, 2004, p.28)

A criança inserida na escola de futebol não recebe uma formação teórica quanto à prática, sobretudo nos anos iniciais.

Sob essa análise, Freire (2003) entende na escola de esportes, a criança, além de aprender o gesto motor de sua modalidade, deve trabalhar outras formas básicas de movimento para enriquecer a sua motricidade. Portanto, ressalta-se que as escolas de futebol surgiram nos últimos tempos e, aos poucos, a brincadeira e os jogos de rua foram desaparecendo. Ao mesmo tempo, os estudos não acompanharam essa nova tendência para que as práticas dentro desses espaços fossem mais aprofundadas, sobretudo no futsal e na educação da criança pequena.

## 2.2 O futsal na educação da criança pequena

Nesse estudo, olharemos para a criança pequena num espaço de vivências em um esporte coletivo, o qual, na maioria das escolas de futebol, se dividem em categorias de uma mesma idade ou próxima. Muitas são as contribuições à cerca da educação, antes de olhar para a sua inserção no esporte, mas em sua integralidade. Kramer (1986) cita que

conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto (KRAMER, 1986, p. 79).

Para Rezer e Saad (2005), as crianças foram e continuam sendo envolvidas em práticas esportivas e, tal envolvimento inicia-se principalmente após os Jogos Olímpicos de Roma, em 1960. Tal entendimento se amplia numa reflexão que muito se vê nas escolas de futebol e em outros esportes, visto que

[...] o treinamento e a participação competitiva de crianças e jovens têm sido uma réplica, ou uma adaptação mais ou menos estreita, dos conhecimentos e formas de organização do esporte de alto rendimento. Muitas dessas crianças participam em programas esportivos altamente estruturados, similares aos programas desenvolvimentos para adultos. (REZER E SAAD, 2005, p. 58)

Ainda sob esse mote, entende-se que a procura por práticas esportivas em lugares fechados aumenta a cada dia e, por consequência, as crianças estão sendo introduzidas cada vez mais cedo nesses espaços de treinamento especializado, ou seja,

o treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além de participação periódica em competições esportivas. (KUNZ, 2006, p.49)

Portanto, busco investigar em consonância com a literatura, como se deu a aprendizagem das crianças no esporte, sobretudo no futsal, segundo as pesquisas. Com isso, entende-se a partir de Rezer e Saad (2005), que a criança não está apta para receber e entender regras rigorosas e comando excessivo de professores e que, em muitos casos, é visto que o processo de ensino-aprendizagem não está de acordo com

as características e os interesses da criança.

Para Santana (2004):

As crianças quando chegam à escola de futsal trazem consigo toda uma história de vida. São as suas experiências sociais, afetivas, intelectuais, morais, motoras, sensíveis. Esse conhecimento, segundo a realidade de cada criança, será mais ou menos intenso, criativo, rico, diversificado (SANTANA, 2004, p.31).

Tendo isso em vista, busco suporte, também, em estudos que compreendem esse processo de ensino-aprendizagem que tem um olhar voltado para o comportamento motor

[...] as crianças estariam sendo “empurradas” para as ações esportivas, mesmo antes de terem alcançado um nível motor próximo da forma madura necessária para a habilidade subjacente. As consequências da aceleração na progressão de habilidades esportivas deveriam ser cuidadosamente consideradas. Assim, se movimentos imaturos passam a ser permanente de um padrão de habilidade esportiva, esse encontro prematuro com o esporte é indesejável (SAAD, 2002, p.11, grifo do autor)

*“Foi assim que os brasileiros aprenderam o futebol. Aprenderam brincando o que virou um estilo de futebol, apesar da sisudez de alguns técnicos. E as tais escolinhas não vão ensinar ninguém a jogar futebol direito se não deixar as crianças brincarem”* (FREIRE, 2003, p.89).

Com relação à criança e a competição

A criança não é adulto em miniatura. A competição entre criança não deve ter apenas uma redução no tempo de jogo e diminuição do tamanho e peso da bola. Os objetivos, conteúdos e métodos diferem em muitos pontos de vistas daqueles que convêm aos adultos (MUTTI, 2003, p.23).

Ainda assim, sob o mote da aprendizagem do futsal na educação da criança pequena

Na aprendizagem desportiva não basta aprender a forma de execução: é preciso aprender também as condições da sua execução (adversários, companheiros, posição, movimentação da bola etc.) e a forma de interpretar e responder as diversas situações do jogo. A aprendizagem do futsal deve ser orientada de modo que o aluno se adapte as condições próprias da modalidade. (MUTTI, 2003, p.9)

E, nesse sentido,

a iniciação desportiva deve ter como prioridade preparar a criança para o aprendizado do jogo. Na iniciação ao futsal, prepara-se a criança para jogar, procurando, assim, desenvolver na criança sua capacidade de jogo, para isso, é necessário que as atividades a serem desenvolvidas por ela contenham uma relação de ações técnicas e táticas (COSTA, 2003, p. 39)

Já para Santana (2004), não é na infância a fase para se olhar para a criança como

uma futura atleta. Ainda para o autor, é o período que se constitui as suas atitudes, habilidades, desenvolve-se suas capacidades e *“o futsal na infância somente se justifica se este contribuir para que a criança aprenda a se conhecer e a viver melhor em sociedade”* (SANTANA, 2004, p. 21).

As crianças são introduzidas em espaços de uma aprendizagem esportiva desde cedo. E pensar a iniciação esportiva na educação da criança pequena, a partir dos estudos, é olhar para o esporte na infância sob uma perspectiva de respeito à infância quanto aos espaços, aos materiais, as abordagens pedagógicas fora da ótica adulta e, sobretudo, pensar em aulas motivadoras em consonância com os seus limites. Portanto, na escola de esportes, as crianças devem continuar brincando.



*“pouco se conhece sobre as culturas infantis, porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças”*

*Quinteiro (2002)*

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo desse capítulo é mostrar como se deu o processo do despertar e a escolha do tema, bem como os processos de definição das turmas e os sujeitos da pesquisa, o espaço e a metodologia utilizada para que essa pesquisa realmente saísse do mundo das ideias.

#### 3.1 Pesquisa com crianças

Em meados da década 80, surgem estudos voltados para a Sociologia da Infância<sup>1</sup> retratado sob um novo campo de estudo, o qual reconhece as crianças enquanto atores sociais e construtoras da sua própria cultura (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014)

Para Abramowicz citada por Rodrigues, Borges e Silva (2014), esse novo referencial *“nos ajuda a pensar a criança e a infância não só como maleta de instrumentos teóricos [...] traz em seus movimentos inversões interessantes, novos/outros agenciamentos, novos pesquisadores, novas perspectivas sobre as crianças, um outro olhar contra o adultocentrismo [...]”* (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014).

Com base nisso,

os estudos desenvolvidos a partir desse novo prisma partem do pressuposto de que a criança é ator ativo do processo de socialização em que se vê envolvida, sendo esta a razão de buscar não somente a valorização das “falas infantis”, mas, principalmente, compreender sua perspectiva sobre o mundo. Assim, esses estudos propõem o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças como atores sociais plenos, substituindo a visão da criança como um sujeito passivo para o entendimento de que ela é co-construtora de sua inserção social e cultural, sustentando que a compreensão da infância necessita (e deve) ser construída com a criança e não somente a respeito dela. (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014, p. 6, grifo dos autores)

Dar voz as crianças, respeitá-las e compreendê-las a partir desse movimento de escuta, é uma prática em construção recente. Tendo isso em vista, após a incorporação de novas perspectivas para os estudos da infância, muitas pesquisas foram em conjunto com as crianças, sendo elas as próprias construtoras e protagonistas do seu contexto.

Para Rodrigues, Borges e Silva (2014) o Brasil é considerado pioneiro na perspectiva de ouvir as crianças. Sendo assim,

Considerar a criança como protagonista na pesquisa científica é uma

---

<sup>1</sup> A partir da década de 1980 constitui-se um novo campo de estudo: a Sociologia da Infância, com o propósito de buscar resgatar a infância das perspectivas que a compreendem como um simples período maturacional do desenvolvimento humano que se constrói independentemente das condições históricas, culturais e sociais dos indivíduos. (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014)

perspectiva que tem orientado vários trabalhos brasileiros de pesquisa na atualidade, principalmente pela forte influência do movimento da Sociologia da Infância. No entanto, é importante destacar que algumas experiências isoladas já foram realizadas no Brasil em um momento anterior a este movimento, mais especificamente no início do século XX. (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014, p. 6)

Nas palavras de Cruz (2009), é preciso não somente falar sobre as crianças, mas falar com elas, ou seja, viabilizar uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções, uma vez que a compreensão e a integração de seus dizeres sobrepostos aos dos adultos mostram-se fundamentais na constituição de espaços de Educação Infantil que priorizam o educar e o cuidar pautados em propostas significativas de enriquecimento, desenvolvimento, aprendizagem e prazer para os pequenos. (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014)

Soares (2006, p. 30) alerta que:

A investigação com crianças, para ser genuína e efetiva terá que se organizar de forma a permitir que as crianças tenham oportunidade de serem atores do processo de investigação, aspecto que está mais dependente das competências dos adultos, relativamente à organização de estratégias de investigação que permita tal, do que das competências das próprias crianças. (SOARES, 2006, p. 30)

Assim, o processo de pesquisar com crianças possibilita uma mediação pela qual os sujeitos imersos (criança e pesquisador) compartilham novos conhecimentos, pois há coisas que ambos conhecem e que ambos desconhecem e que precisam ser mediadas pelo processo de pesquisa (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014)

Para Rodrigues, Borges e Silva (2014), cabe a nós pesquisadores da infância, o desafio de ouvi-las e compreendê-las na centralidade do processo de construção de suas ideias, sobretudo no contexto a qual está inserida.

### **3.2 Etapas da Pesquisa**

Há um ano, tive o desafio de assumir e dar aulas de futsal para crianças de 3 a 5 anos de idade em uma escola de futebol. A categoria é denominada babyfoot, um termo utilizado em algumas escolas de futebol para essa idade. Assim, ao decorrer desse processo, me deixava inquieto se a forma a qual eu abordava as aulas estava sendo significativa para as crianças em um sentido de aprendizagem dos fundamentos, das técnicas, das regras, do jogo propriamente dito e se elas sentiam-se felizes ao brincar e jogar com uma proposta de babyfoot. Foi a partir desse despertar que se iniciou o processo dessa pesquisa para compreender como as crianças se apropriam desses saberes, mas a partir de suas falas.

Para as aulas e ao decorrer do ano, não há um planejamento a ser seguido e não é cobrado algum tipo de sistematização para os treinos. Cada professor decide o seu caminho de aprendizagens com as crianças e definem as suas aulas. Desse modo, planejo as aulas sozinho utilizando como instrumento de sistematização a escrita, de um modo bem resumido, das atividades, das brincadeiras e dos fundamentos passados com o registro das datas em que elas ocorreram.

No início do percurso busquei algum material da escola de futebol que falasse sobre a abordagem proposta para o babyfoot para me orientar nas aulas e, sobretudo, para encaminhar a pesquisa.

O único documento disponível para famílias e professores está presente no site oficial da escola de futebol. O site oficial da Escola de Futebol São Paulo Futebol Curitiba (2019) apresenta as seguintes informações sobre o babyfoot: *“04 e 05 anos; coordenação motora; brincadeiras; fundamentos do Futebol de uma maneira lúdica jogos recreativos; (mini jogos em espaços reduzidos); integração entre responsáveis e alunos.”*

As aulas com o babyfoot ocorrem aos sábados pela manhã. A primeira aula do dia dessa categoria ocorre das 9:15h às 10:30h e a outra turma das 10:30h às 11:45. A primeira turma do dia iniciou as aulas dia 19 de janeiro de 2019 e segunda dia 11 de março de 2019.

Inicialmente propus realizar a pesquisa com a primeira turma, a qual vivenciou a proposta por mais tempo em relação à segunda. Porém, identifiquei que com a segunda turma haveria mais possibilidade de escutá-las, já que é a última aula do dia e as mesmas não precisam deixar a quadra para uma turma seguinte. Assim, tenho mais tempo para ouvi-las sem que percam algum tempo de aula. Entendo que essa segunda turma, por iniciar o futsal a pouco tempo, falem mais e com mais riqueza das primeiras sensações de vivenciar essa modalidade.

Ao decorrer das aulas, as mesmas se mostraram mais atentas e falantes, já que, nas quadras ao lado, o barulho diminui por ser o final da manhã e com poucas quadras em atividade, e isso favorece as minhas aulas no que concerne à pesquisa.

Visto isso, o primeiro passo – quanto às formalidades - para que a pesquisa pudesse ser realizada, foi consentido pela direção da escola de futebol a autorização do espaço e do nome da instituição para que eu pudesse colocá-la em prática. Num segundo momento, o consentimento e a autorização dos pais quanto às rodas de conversa, a filmagem e a crianças como participantes colaboradoras para os dados da pesquisa. As mesmas sabiam que estavam sendo gravadas e que estavam participando da pesquisa, mas explicado de forma adequada a idade. Falei que estavam me ajudando a ser um professor melhor, já que, em outro momento, eu estou na mesma posição que elas, como

alunos.

A primeira roda de conversa foi realizada no dia 22 de junho de 2019, a segunda no dia 13 de julho e a terceira e última no dia 10 de agosto de 2019.

A rodas de conversas foram feitas num intervalo de aproximadamente um mês de uma para outra, para que não se tornasse corriqueiro as rodas de conversa sob essa ótica da pesquisa já que, esse processo de trocas de experiências e de escuta das crianças em forma de roda de conversa já fazem parte da minha rotina como professor. Conversamos no início e ao final da aula e, durante a aula, procuro ficar atento ao que eles têm a dizer.

### **3.3 Sujeitos e Instrumentos**

A pesquisa foi realizada utilizando a roda de conversa ao final da aula, totalizando, ao final, três momentos de escuta buscando entender a compreensão das crianças ao vivenciar o babyfoot.

As crianças que foram ouvidas têm três, quatro ou cinco anos de idade. A turma só tem meninos e, na primeira roda foram sete participantes, na segunda seis e na terceira cinco. A idade limite para a categoria do babyfoot é de cinco anos completos no ano vigente. Assim, as mesmas podem ser nascidas em três diferentes anos, implicando, em alguns momentos, em diferenças no momento de roda de conversa e nas aulas no que concerne a participação de ambas. A turma que colaborou com as falas para a pesquisa, fazem as aulas aos sábados pela manhã, no horário das 10:30h às 11:45h. As famílias responsáveis pelas crianças justificam e escolhem os finais de semanas para as aulas pela falta de tempo decorrente da rotina de trabalho.

Essa turma iniciou as aulas em março desse ano, por isso, algumas crianças entram durante o ano. Por ser a turma mais nova da escola de futebol, os alunos vêm de diferentes contextos e com diferentes vivências esportivas. Para alguns, é o primeiro contato com o futsal. Porém, é o primeiro momento que todas as crianças têm uma primeira vivência com um treinamento de uma forma mais sistematizada, com a aprendizagem dos fundamentos e com a socialização com colegas que não são de seus ambientes: escola, família, amigos. Por isso, alguns resistem ao entrar na quadra para fazer a aula experimental, pegam a bola na mão durante a aula não compreendendo as regras, choram e pedem algum responsável quando o seu time perde ou quando se sentem frustrados.

Faço uma roda de conversa no início e ao final da aula com o objetivo de retomar as aprendizagens da última vivência, das sensações das aulas e comentar sobre como

foi a aula. Conversar com as crianças me ajuda a nortear a minha prática e a escolha dos encaminhamentos.

Para Garanhani *et. al* (2015), as rodas de conversa são, além da prática de linguagem oral, um instrumento metodológico de pesquisa com crianças e, para as autoras

[...] faz-se necessário que o pesquisador ocupe o lugar do professor como mediador e conduza a partir de um disparador que aborde o tema da investigação. Os disparadores são objetos, imagens ou temas apresentados às crianças, durante a roda de conversa, com o objetivo de iniciar a conversa e mobilizar a discussão entre elas. (GARANHANI; MARTINS; ALESSI, 2015, p. 326)

Por isso, além de utilizar a roda de conversa nas aulas como uma estratégia pedagógica, a utilizei como método de pesquisa para compreender a fala das crianças. Antonio (2017) caracteriza a roda de conversa como capaz de agregar diferentes valores, opiniões e visões de um tema e que o mesmo pode ser ressignificado, ser um construtor de diálogos de experiências e saberes.

Para Rychebusch (2011)

Pensar que a "roda de conversa" está focada na perspectiva da linguagem oral pode resultar num empobrecimento de possibilidades do agir crítico e criativo das crianças. Isso também reduz as possibilidades de entender a roda como um local privilegiado do diálogo na construção compartilhada de novos significados e de constituição de alunos e professora. (RYCHEBUSCH, 2011, p. 42, grifo da autora)

Quando utilizadas como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo e suscite, inclusive, a atenção na escuta (MOURA; LIMA, 2014). Sob essa ótica, para além da pesquisa, a roda de conversa é essencial para compreender as crianças e os seus anseios enquanto participantes ativos e construtoras de suas próprias ideias.

Moura e Lima (2014) citam que:

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo. (MOURA; LIMA, 2014, p. 2)

Em síntese, para Quinteiro (2002, p. 21), “pouco se conhece sobre as culturas infantis, porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças”

Mediar a roda de conversa contribui para que os diálogos sejam mais ricos em detalhes e para que os objetivos da mesma sejam alcançados com maior êxito.



*“Criança precisa ser criança, precisa brincar, precisa ser educada. Deve aprender esporte, brincando de fazer esporte”*

*Freire (2003)*

## 4 A APRESENTAÇÃO DA ANÁLISE DE DADOS

Após a finalização das rodas de conversa, organizei a análise dos dados em três temas: a compreensão do futsal, o gesto como suporte da fala e, por fim, o sentido do futsal. O capítulo inicia analisando a compreensão do futsal como um esporte e uma prática para as crianças. O segundo, relata e analisa como os gestos são suporte das falas das crianças para que as mesmas organizem o pensamento sobre a proposta de babyfoot. E, para finalizar, quais são os sentidos empregados pelas crianças ao vivenciarem a iniciação ao futsal.

### 4.1 A compreensão do futsal

Foi observado na pesquisa, a partir da fala das crianças, que a compreensão do futsal se dá pela descrição de algum fundamento ou ações mais corriqueiras dentro do jogo.

O conceito do futsal é compreendido pelas crianças relacionando-se de diferentes formas. Porém, percorri um caminho de pesquisa para ouvi-las a partir do que elas entendem sobre o que estão aprendendo. Um recorte da roda de conversa a seguir contribui para entender essa compreensão:

*Eu: o que a gente estava jogando agora?  
 Todos: futebol  
 Victor: futsal  
 Eu: e o que a gente tá aprendendo no futsal?  
 Léo: conduzir  
 Eu: o que mais?  
 Arthur: jogar a bola pro amigo  
 João Pedro: tocar  
 Arthur: jogar a bola pro seu time  
 (TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 22/06/2019)*

Tal compreensão contribui ao entendimento de que a constituição do futsal se dá pela ação ou pelo fundamento.

O processo de compreensão dos conceitos do futsal aparece com outras características nas falas das crianças, não a definição formalizada. Por isso, busquei compreendê-las a partir da aprendizagem e do entendimento de cada resposta, conforme o trecho a seguir:

*Eu: o que a gente está aprendendo?  
 Leo: a jogar bola  
 Eu: o que é jogar bola?  
 Murilo: é driblar os amigos  
 João Pedro: chutar no gol  
 Eu: o que é chutar?  
 Murilo: é fazer o ponto  
 Arthur: é chutar pra fazer o gol, pro teu time  
 (TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 13/07/2019)*

A presente ideia sugere que, para esses sujeitos, futebol, futsal e jogar bola constituem a prática que estão fazendo. Nesse sentido, o conceito ou a nomenclatura da modalidade tem um sentido mais simples, diferentemente dos adultos. “*As interações entre as crianças e o mundo são bastante diferentes das interações entre os adultos e o mundo*” (FREIRE, 2003, p. 21). Portanto, as falas das crianças sobre o futsal possibilitaram entender que as mesmas compreendem a prática resumidamente em: jogar bola e pela descrição de alguns fundamentos.

#### 4.2 O gesto como suporte da fala

Durante a pesquisa, as crianças utilizavam muitos gestos e movimentos para demonstrarem ou explicarem o que estavam dizendo. O gesto, sobretudo, apareceu em todas as rodas de conversa. Para Costa (2000):

O gesto é capaz de tornar presente o objeto e substituí-lo, ou seja, pelos gestos a criança simula uma situação de utilização do objeto sem tê-lo, de fato, presente; trata-se de um ato sem o objeto real. [...] Essa atividade em que o faz-de-conta se faz presente consiste, portanto, na descoberta e no exercício do desdobramento da realidade, pressupondo o início da representação. [...] O desdobramento da realidade só será possível, no entanto, quando houver a subordinação da atividade sensório-motora à representação. Nesse momento, assiste-se ao início da organização do pensamento; a criança é capaz de dar significação ao símbolo e ao signo, ou seja, encontrar para um objeto sua representação e para a representação um signo. (COSTA, 2000, p. 35)

Assim, os mais velhos também fazem gestos para deixar as ideias mais entendidas para que está observando. No entanto, algumas crianças nem responderam à pergunta oralmente, mas fizeram unicamente o gesto para representar a ideia, da seguinte forma:

Eu: Por que? Como é fazer pênalti?  
 Lucca: é só colocar na “bolinha” e fazer gol  
 Arthur: e mirar  
 Eu: a gente aprendeu a mirar nas aulas? Como a gente mira?  
 Bernardo: (coloca a mão no olho com um gesto de mira)  
 (TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 22/06/2019)

É possível observar o gesto do Bernardo na Imagem 1 a seguir:



Imagem 1: “Como a gente mira?” (LEZAN, 2019)

Para além do entendimento do que é ganhar para a criança, os gestos foram potencialmente importantes para a aquisição do entendimento de como os mesmos estão se apropriando dos saberes, como na imagem 1.

“As crianças recorrem com enorme frequência à fantasia e ao seu poder corporal” (FREIRE, 2003, p. 25). Assim, o diálogo abaixo também nos mostra como o gesto é fundamental para compreender as crianças.

Eu: o Murilo vai explicar como é ganhar  
 Murilo: um time tá com a bola, aí vem o outro time pega a bola e faz o gol  
 João Pedro: e faz um monte de gol assim (faz o número 10 com as mãos)  
 Eu: como é fazer gol?  
 Davi: chutar bem fortão (faz o movimento do chute)  
 Eu: como a gente chuta bem fortão?  
 Murilo: ali no gol, a gente tem que mirar no gol  
 Davi: é assim: (faz o movimento do chute)  
 Eu: como é mirar?  
 Bernardo: (fecha um dos olhos pra mirar)  
 (TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 13/07/2019)

Os movimentos auxiliam a criança na formulação de suas ideias e a torna protagonista de suas imaginações. Garanhani (2008) contribui ao dizer:

A capacidade de simbolizar se amplia quando a criança articula a aquisição da fala à manipulação de diferentes objetos e/ou vivências corporais de situações diferenciadas sendo a linguagem os instrumentos que vai elaborar e organizar a expressividade da criança no mundo dos símbolos. Assim, o corpo, como um conjunto de dimensões física, afetiva, histórica e social, assume um papel fundamental no processo de constituição da criança como um sujeito cultural. (GARANHANI, 2008, p. 127).

Na fala seguinte, para além dos movimentos e dos gestos que são de seu

repertório, as crianças utilizam de outras referências, neste caso de um jogador de futsal, para materializar as suas ideias.

Eu: e quais são as regras no futsal?  
 Miguel: não dar carrinho, não dar bicicleta, o Falcão dá uma bicicleta e caiu (faz o movimento da bicicleta)  
 (TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 10/08/2019)

E, no mesmo recorte, o movimento representou como a compreensão da regra é imaginada.

Os gestos apareceram em todas as rodas de conversa e isso contribuiu para definirmos como as crianças se apropriam de alguns saberes do futsal. E para além dos conceitos empregados pelas mesmas, o gesto e os movimentos são fundamentalmente importantes para compreendê-las, quando há ou não a fala.

### 4.3 O sentido do futsal

As crianças podem dar sentidos diferentes para a mesma prática que estão fazendo. No caso do futsal, a pesquisa mostrou que essa modalidade é entendida de outras formas, conforme nos mostra o diálogo:

Eu: o Victor falou que a gente joga futsal, qual a diferença de jogar futsal e futebol?  
 Arthur: futsal é de brincar e o futebol é pra jogar  
 João Pedro: eu gosto mais de jogar bola  
 (RODA DE CONVERSA, 22/06/2019)

No local de pesquisa, há diferentes sujeitos com idades distintas vivenciando o futsal ou o futebol. Sendo assim, o sentido de aprendizagem do esporte que as crianças vivenciam, por serem a modalidade com menor idade, é entendida pelo **brincar** ou pelo **jogar bola**, ficando mais evidente no decorrer das conversas, mesmo que em outros momentos de pesquisa.

Além do espaço e dos sujeitos serem menores, o professor deve dar preferência por jogos em pequenos grupos (FREIRE, 2003).

Buscar compreender como as crianças diferenciam o futebol do futsal e, sobretudo, qual o sentido que dão pra sua prática, nos permite encaminhar aulas mais enriquecedoras para a vivência das crianças no esporte. O diálogo a seguir nos mostra a compreensão dos sentidos que dão ao futsal:

Eu: a gente está jogando futebol ou futsal?  
 Todos: futsal  
 Eu: qual a diferença entre jogar futebol e jogar futsal?  
 Arthur: o futebol é de grande e o futebol é de criança  
 Eu: e o futsal?

Arthur: é de criança  
Eu: vocês são o que?  
Todos: criança  
Eu: o Arthur falou que o futsal é de criança. O que é ser criança? O que a criança faz?  
Davi: brinca, joga bola, joga videogame  
Arthur: criança não é velho, criança já nasceu  
(TRECHO DA RODA DE CONVERSA 13/07/2019)

Pelas crianças observarem e estarem em contato direto com crianças mais velhas, que jogam o futebol ao invés do futsal, dão sentido à prática pelas dimensões ou mesmo por entenderem o que é ser criança, conforme o recorte do diálogo a seguir:

Eu: o Murilo falou que o futsal é igual o futebol. Será que é igual?  
Todos: sim  
Arthur: não  
Eu: qual é a diferença?  
Arthur: isso daqui não tem grama  
Miguel: isso daqui é madeira  
(TRECHO DA RODA DE CONVERSA, 10/08/2019)

O sentido das dimensões se dá, também, pelo espaço o qual estão inseridos. O futebol está mais presente na mídia e na sociedade do que o futsal e são atletas adultos que aparecem como astros nos comerciais, nos jogos na televisão, no videogame etc. Por isso, evidencia-se o espaço e os materiais utilizados como um contraste dos adultos para darem sentido ao futsal.



*“futsal é de brincar e futebol é pra jogar”*

*Arthur, 5 anos*

## 5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar sob a perspectiva de uma pesquisa-interpretativa foi um dos maiores desafios que me propus. As pesquisas nos mostram que as crianças devem ser ouvidas e as suas falas tidas como fundamentais para entender como as mesmas compreendem as suas vivências. E, tendo em vista o crescimento das escolas de futebol e as crianças procurando-as desde pequenas, uma proposta de babyfoot se faz necessária e importante nas infâncias desse contexto.

As rodas de conversa, para além de uma estratégia de produção de dados para a pesquisa, são rotineiras em minhas aulas. No entanto, utilizava-as para que as crianças falassem sobre o que aprenderam na última aula e o que aprenderam de novo na aula do dia, mas não oportunizava momentos para que as mesmas sugerissem, questionassem e dessem sentido ao futsal. Portanto, é dever do professor pesquisador se atentar aos anseios do contexto que está inserido.

Os dados de pesquisa mostraram que os gestos contribuíram para que as crianças dessem sentido aos fundamentos e ao jogo. Assim, os saberes do futsal foram compreendidos de diversas formas. Desse modo, escutá-las para saber quais são os sentidos que são à prática, contribui para que as aulas sejam encaminhadas da melhor forma para essa idade. As regras, para essa turma, servem como cuidado ao próximo e as técnicas e fundamentos para jogar o futsal.

Os espaços, os materiais e o ambiente com indivíduos mais velhos, privilegiam o local que se aprende o esporte. As mesmas se consideram crianças pois estão inseridas em um espaço menor, com colegas de idade e tamanho próximos e com abordagens que diferenciam dos maiores. Na mesma escola de futebol, outras idades estão treinando, mas no futebol, que é para jogar e é de grande e não para brincar, como a criança.

Com isso, evidencia-se que uma proposta exclusiva para o futsal na educação da criança pequena é inclusiva e, sobretudo, de respeito à infância. Que no caso desse contexto, é denominada como babyfoot. E, mesmo sendo o futsal o esporte que estão inseridos, utilizei as próprias falas das crianças em que, futebol e futsal, em todo o processo de pesquisa, escrita e sistematização dos temas, foram apresentados como sinônimos.

Por fim, para que outras pesquisas sobre o futsal na educação da criança pequena sejam feitas, se faz necessária a temática do esporte na infância na formação de professores, que no caso dessa pesquisa, se encontraram a minha vivência dentro do esporte e a disciplina de Educação Física em Contextos I dentro do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. E, pensar as abordagens

pedagógicas para essa idade, requer elementos de ambas as especificidades: do professor bacharel e do licenciado que, em sua essência, são professores, pensadores e formadores para a educação independentemente do espaço que estão inseridos.

Após essas considerações, a partir da seguinte pergunta norteadora dessa pesquisa: o que as crianças pequenas falam sobre o futsal ao vivenciarem uma proposta de babyfoot?, podemos concluir, a partir da análise de dados, que: para as crianças do contexto da pesquisa, estão enraizados os conceitos de que o esporte na infância é para brincar e que estão jogando bola ou jogando futebol. Sentidos esses que consideram o esporte, nessa fase, sob uma perspectiva mais ampla, inclusiva e democrática, já que, quem está fazendo a aula de futsal, antes de tudo, estão brincando e jogando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, C. S. **Roda de conversa: uma pesquisa bibliográfica sobre o tema.** Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2017

COSTA, C. F. **Futsal: aprenda a ensinar.** Florianópolis: Bookstore. ESTATUTO, 2003

COSTA, L. H. F. M. **Estágio sensório-motor e projetivo.** In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Henri Wallon: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.

CRUZ, R. C. de A. **A pré-escola vista pelas crianças.** In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Anais... Caxambu: Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5619--Int.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2019.

FENSTERSEIFER, A. C. B. **Qualidade total em escolinhas de futebol. Monografia de especialização.** Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol.** 2º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GARANHANI, M. C. **A Educação Física na Educação Infantil: uma proposta em construção.** In: ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de e SCHNEIDER, Omar (orgs.). Educação Física para a educação infantil: conhecimento e especificidade. São Cristóvão: Editora-UFS, 2008

GARANHANI, M. C. **A Educação Física na Escolarização da pequena infância.** Pensar a Prática, 5, 106-122, 2006

GARANHANI, M. C.; NALDONY L. F. **O movimento do corpo infantil: uma linguagem da criança.** In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP] (Org.). Caderno de formação: Formação de Professores: Educação Infantil: princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp - Pró-Reitoria de Graduação, Univesp, p. 65-74. v. 3, 2011

GARANHANI, M. C.; MARTINS, R. C. ; ALESSI, V. . **Instrumentos e procedimentos metodológicos para pesquisas com crianças: desafios e proposições**. In: Romilda Teodora Ens; Marynelma Camargo Garanhani. (Org.). Pesquisa com crianças e a formação de professores. 1ed.Curitiba: PUCPRes, v. 1, p. 311-336, 2015

KRAMER, S. **O papel social da pré-escola**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1986.

KUHLMANN J. M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7º ed. Ijuí: Unijuí, 2006

MAIA, J. N. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Campo Grande, 2012. 135 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco

MELO, L; MELO, R. **Ensinando Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006

MELO, R.S. **Sistemas e tática para o futebol**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1999

MOURA A. F.; LIMA M. G. **A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan-jun. 2014

MUTTI, D. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2º Ed. São Paulo: Phorte, 2003

PIRES, G. L. **Breve introdução aos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. Revista da Educação Física, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

QUINTEIRO, J. **Infância e Educação no Brasil: Um campo de estudos em construção**. In: FARIA, Ana Lúcia de; DEMARTINI, Zeila de Brito; PRADO, Patrícia Dias. Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, p. 19-47, 2002.

REZER, R. SAAD, M. A. **Futebol e Futsal: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas**. Chapecó: Argos, 2005.

RYCHEBUSCH, C. G. **A roda de conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico colaborativa na produção de conhecimento**. 2011. 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011

RODRIGUES, S. A; BORGES, T. F. P; SILVA, A. S. . **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014

SAAD, M. **Futsal, iniciação técnica e tática – sugestões para organizar a sua equipe**. Santa Maria, Editora da UFSM. 1997

SAAD, M. **Estruturação das Sessões de Treinamento Técnico-Tático nos Escalões de Formação do Futsal**. Florianópolis. Repositório UFSC, 2002

SANTANA, W. C. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas, SP. Autores associados, 2004

SITE OFICIAL SÃO PAULO F.C. – UNIDADE CURITIBA. **Babyfoot**. Disponível em: <<http://escolaspfccuritiba.com.br/metodologia-e-horarios/babyfoot/>> Acesso em 27/07/2019

SOARES, N. F. **A investigação participativa no grupo social da infância**. Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2006.

TENROLLER, C. A. **Futsal: ensino e prática**. Canoas: UBRA, 2004.

ZARATIM, S. R. **Aspectos Socioculturais do Futsal**. Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia - RENEFARA , v. 2, p. 51-62, 2012.